



## Contingências, restos e invenções

**Fabian Fajnwaks**

Orcid: [0000-0001-6621-2012](https://orcid.org/0000-0001-6621-2012)

A.M.E. de l'Association Mondiale de Psychanalyse (Paris, France)  
Maître de conférences au Département de Psychanalyse de l'Université de Paris 8 (Paris, France)  
DESS de Psychologie Clinique et Pathologique / Université de Paris 5 (Paris, France)  
Doctorat de Psychologie Clinique / Université de Rennes 2 (Rennes, France)  
Doctorat de Psychologie Clinique / Université de Paris 8 (Paris, France)  
Professor visitante no SEPAI (Rio de Janeiro, Brasil)  
E-mail: [fabian.fajnwaks@orange.fr](mailto:fabian.fajnwaks@orange.fr)

**Resumo:** A cultura supõe um tratamento do resto por parte dos seres falantes. Atualmente, longe de desfazer-se dos dejetos, ela os incorpora sob a forma reciclada do lixo, reintroduzindo-os no mercado como matérias primas que dão lugar a novos produtos. Qual é o lugar do resto na psicanálise e que tratamento ela lhe reserva? A contingência no uso do resto e a invenção têm aqui seu lugar. Com Lacan, a psicanálise se serve do objeto resto de uma análise para fazer uso dele. Os objetos (a) ganham consistência na análise como modalidades da relação com o Outro a partir da confrontação do sujeito com seu "fantasma fundamental" que "atravessado se torna pulsão". O analista saberá encarnar este objeto para os analisantes para leva-los até o ponto que ele mesmo alcançou na sua própria análise. Saber fazer algo com esse resto enquanto analista e propor-se como objeto (a) para os outros não supõe um saber fazer prévio. É uma invenção no sentido de que, com cada analisante, se trata de acomodar-se ao objeto mais-de-gozar dele. Isso impõe ao analista uma certa dose de criatividade, de invenção, de algo absolutamente novo.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Objeto a; Fantasma fundamental; Contingência; Sinthome.

---

**Contingences, restes et inventions:** La culture suppose un traitement du reste par des êtres parlants. Aujourd'hui, loin de se débarrasser des déchets, elle les incorpore sous forme de déchets recyclés, les réintroduisant sur le marché comme des matières premières donnant naissance à de nouveaux produits. Quelle est la place du reste dans la psychanalyse et quel traitement lui réserve-t-elle ? LA contingence dans l'utilisation du déchet et l'invention ont leur place ici. Avec Lacan, la psychanalyse utilise l'objet restant d'une analyse pour s'en servir. Les objets (a) prennent consistance dans l'analyse comme modalités de la relation à l'Autre à partir de la confrontation du sujet avec son " fantasma fondamental " qui " traversé devient la pulsion ". L'analyste saura incarner cet objet pour les analysants afin de les amener au point qu'il a lui-même atteint dans sa propre analyse. Savoir faire quelque chose de ce repos en tant qu'analyste et se proposer comme objet pour les autres ne présuppose pas un savoir-faire préalable. C'est une invention dans le sens où, avec chaque analysant, il s'agit de s'accommoder de son objet de plus-de-jour. Cela impose à l'analyste une certaine dose de créativité, d'invention, de quelque chose d'absolument nouveau.

**Mots clés:** Psychanalyse; Objet a; Fantasma fondamental; Contingence; Sinthome.

---

**Contingences, restes et inventions:** La culture suppose un traitement du reste par des êtres parlants. Aujourd'hui, loin de se débarrasser des déchets, elle les incorpore sous forme de déchets recyclés, les réintroduisant sur le marché comme des matières premières donnant naissance à de nouveaux produits. Quelle est la place du reste dans la psychanalyse et quel traitement lui réserve-t-elle ? LA contingence dans l'utilisation du déchet et l'invention ont leur place ici. Avec Lacan, la psychanalyse utilise l'objet restant d'une analyse pour s'en servir. Les objets (a) prennent consistance dans l'analyse comme modalités de la relation à l'Autre à partir de la confrontation du sujet avec son " fantasma fondamental " qui " traversé devient la pulsion ". L'analyste saura incarner cet objet pour les analysants afin de les amener au point qu'il a lui-même atteint dans sa propre analyse. Savoir faire quelque chose de ce repos en tant qu'analyste et se proposer comme objet pour les autres ne présuppose pas un savoir-faire préalable. C'est une invention dans le sens où, avec chaque analysant, il s'agit de s'accommoder de son objet de plus-de-jour. Cela impose à l'analyste une certaine dose de créativité, d'invention, de quelque chose d'absolument nouveau.

**Mots clés:** Psychanalyse; Objet a; Fantasma fondamental; Contingence; Sinthome.

## **Contingências, restos e invenções**

*Fabian Fajnwaks*

O tema do resto é central na cultura. Lacan (1971/2001) assinala isso no seu artigo *Lituraterra* quando nos diz que “a civilização é [...] o esgoto” (p. 15). Isto quer dizer que a cultura (em francês o termo tem outro sentido diferente do que tem em português; é a cultura no que se refere à “pessoa culta”, ainda que “civilização” implica o que tradicionalmente se opõe à natureza), supõe um tratamento dos restos. E com esta referência ao “esgoto” Lacan indica não somente a antiguidade deste tratamento, o fato de que já na Roma antiga existia um modo urbano de desfazer-se dos restos, mas que a dimensão pulsional deste tratamento também forma parte, e de maneira íntima, da própria cultura. Nada disso existe entre os animais, mesmo os mais próximos de nós como os chimpanzés ou os bonobos<sup>2</sup>. Isto permite formular que o tratamento dos restos é determinado pela condição de seres falantes. Há na  *cité*  ou na  *urbe*  um lugar reservado para este tratamento. Os historiadores e antropólogos lhe consagraram vários ensaios. E é surpreendente observar que algumas cidades, como por exemplo, a florescente Paris medieval e moderna, que deu à luz movimentos como o iluminismo filosófico e os vários movimentos literários, não tratassem os dejetos. Foi preciso esperar pelas grandes reformas realizadas pelo Baron Haussman<sup>3</sup> em meados do século XIX para que fossem construídos canais que livrariam a cidade dos dejetos produzidos pelas casas e que eram, simplesmente, jogados nas ruas, inundando-as a cada vez com odores insuportáveis. Acho que também foi o caso de Londres, que só muito tarde soube do tratamento de esgoto de seus resíduos. Não sei como foi em outros lugares. Nas populações indígenas, porque estamos no Brasil, sei que havia lugares reservados para isso em aldeias e pequenas cidades. Refiro-me aqui a *Tristes trópicos*, o formidável relato de Lévi-Strauss (1996), referente aos estados do sul e do centro do Brasil.

Algo novo surge na cultura contemporânea que reteve meu interesse ao preparar esta conferência e que merece toda a nossa atenção: é o fato de que a cultura atual, longe de apenas desfazer-se dos dejetos, os incorpora na própria cultura. Faz isso não somente sob a forma que o lixo reciclado industrialmente permite há algumas décadas, podendo reintroduzir os dejetos como matérias primas que, por sua vez, podem dar lugar a novos produtos, vendáveis e consumíveis, tais como os papéis reciclados de outros papéis velhos ou camisetas feitas de garrafas plásticas de água mineral recicladas. Isto implica uma reintrodução do dejetos no mercado sob a forma de novos produtos, certamente para não contaminar ainda mais o meio ambiente, por razões ecológicas, mas também dando lugar a novas mercadorias e novos produtos mercantis. Reciclagem, que deve ser saudada como uma maneira engenhosa de criar bens a partir do lixo. Marx (2016) havia se entusiasmado com a análise em *O capital* com essa “refetichização” do lixo tornado útil e mercantilizável, com esta nova forma de produzir capital.

Entretanto, também há hoje uma produção de produtos descartáveis, não apenas na forma de telefones celulares e computadores que apresentam o que se chama de “obsolescência planejada”, ou seja, com uma programação incorporada por meio da tecnologia da informação que os torna válidos e

úteis apenas para um tempo, empurrando-nos a consumir novos telefones e computadores em um intervalo de tempo que vai de 3 a 5 anos; o tempo necessário para a *Apple* e outras marcas proporem novos modelos de telefones e computadores. A "obsolescência programada" informatizada nada mais faz do que evidenciar a obsolescência de todo objeto que consumimos: roupas, eletrodomésticos, carros, objetos de todo tipo estão destinados, a partir do momento em que os compramos, a se tornarem obsoletos em um período de tempo mais ou menos curto, para nos encorajar a comprar novos produtos que também se tornarão obsoletos em pouco tempo. Todo objeto é obsoleto: compramos os resíduos que virão. Quem já não teve essa sensação andando pelas lojas dos shoppings e *malls*, que se tornaram hoje verdadeiros templos do consumo... e do desperdício? É claro que esses objetos se apresentam como objetos desejados, que nos chamam, que despertam nosso desejo, e que absolutamente queremos, sem nos mostrar em sua fachada com que rapidez nos livraremos deles em tão pouco tempo para adquirir outros novos.

Há, ainda, a *junk food*, por exemplo. A comida dejetto, novo nome em inglês para *fast-food*, talvez para marcar, sem o saber, não só que "comemos lixo" como dizemos, mas também que o "*fast*" na comida que se come rápido é justamente o fato, a velocidade com a qual o que comemos vira merda, lixo. Ela se tornou um produto vendável e desejável. E tem inspirado alguns chefes a prepararem os hambúrgueres mais requintados, servidos em bons restaurantes, imitando *junk food*, mas com qualidade. Há também, já há alguns anos em alguns países, especialmente na Itália, restaurantes *slow-food*, que não são restaurantes gastronômicos como os franceses, onde se comem vários pratos requintados e se leva várias horas para comer, mas onde são propostos pratos mais elaborados e pratos de consumo lento, como a boa cozinha italiana vem fazendo há séculos.

O termo *junkie* - originalmente em inglês, se refere a viciado em drogas, mas também a desperdício, *a bric a brac*, a bricolagem, a desordem - deu origem a múltiplas declinações. Estou especialmente interessado em *Junkspace*, termo produzido pelo famoso arquiteto holandês Rem Koolhaas (2011), para nomear as mutações que a arquitetura e o urbanismo conheceram no século XXI. Ele cria esse termo justamente a partir do *junk food*. Podemos dizer que se esse termo nomeia a relação com o tempo que tanto esse tipo de alimento quanto a obsolescência programada mantêm. O *junkspace* faz o mesmo com o espaço, principalmente o urbano. As construções urbanas são apresentadas a este autor, que também é arquiteto, ou seja, que também construiu edifícios monumentais, como a famosa sede de rádio e televisão chinesa em Pequim. Koolhaas tem uma dupla inscrição: constrói, mas também critica as construções atuais e o planejamento urbano. O espaço lixo é apresentado como um espaço arquitetônico e urbano incompreensível e aberrante. Um espaço que se deduz do avanço de sua privatização cada vez maior nas grandes cidades, então invadidas por mercadorias. Um espaço mercantilizado, do qual o shopping é o seu modelo principal.

Neste ensaio de 2011, Koolhaas está interessado no Museu Guggenheim em Bilbao<sup>4</sup>, que alguns de vocês certamente já visitaram, cuja organização geral evoca um centro comercial. Um espaço sem coerência, cujo erro é pensar que um dia ele teve alguma. O *junkspace* é proposto como um espaço

muito difícil de ler, de apreender, que nos deixa perdidos de certa forma, levando-nos a nos desviar, confundindo-nos, sem que saibamos muito bem de onde viemos e para onde vamos. Um espaço que é quase impossível de representar. Caos para o qual a organização das suas formas contribui certamente. Koolhaas (2011) evoca aqui a Paris, capital do século XIX descrita pelo genial Walter Benjamin no seu ensaio<sup>5</sup>: coerência, harmonia, aceitação das formas, com passagens integradas aos quarteirões para ir de um lugar a outro, lugares que também conhecem aqueles que visitaram Paris. A nova arquitetura e urbanismo não propõe nada disso. Antes, o *junkie*, o caos organizado, no qual hierarquia e organização foram substituídas pela acumulação e a composição harmônica, pela edição de formas compostas e heteróclitas.

Um fluxo, (o fluido é um significante mestre do nosso tempo, verificamo-lo com o fluido de gênero...), mas também uma espécie de rede rizomática, em que cada viagem é única, sem convidar o espaço urbano a um percurso metódico e organizado: todos podem fazer sua própria jornada através de sua própria experiência. O *Junkspace* pode evocar um território abalado por um terremoto, e estou pensando aqui em nossas cidades latino-americanas que são tão difíceis de ler e navegar por um espírito altamente organizado como o europeu, o caos de seu planejamento urbano que às vezes acaba sendo apreciado por alguns europeus, quando eles o entendem: mas é preciso entendê-lo. A convivência de classes sociais em um mesmo espaço favorece isso. O Rio de Janeiro é exemplar, mas também Buenos Aires, com suas favelas no centro das cidades e alguns bairros ricos: algo impensável em Paris, Londres ou Roma onde os pobres são mantidos urbanisticamente na periferia. Que eles venham para o centro é um fato cada vez mais evidente, mas eles "vêm": eles não deveriam se estabelecer lá. A América Latina é urbanisticamente muito mais permeável neste ponto. O Oriente também.

No nível arquitetônico, Koolhaas se interessa ainda pela utilização de materiais descartáveis na arquitetura, e nisso os EUA são campeões. O gesso, os elevadores, o ar condicionado são ferramentas que aboliram os índices tradicionais da arquitetura para modelar espaços ao mesmo tempo mais contínuos e instáveis, também consagrados à "obsolescência planejada", a serem destruídos em poucos anos para dar lugar a novas construções, pois os proprietários se mudaram para bairros novos e mais na moda.

Poderíamos também evocar aqui algo menos "na moda" para apontar a presença do resto e do resíduo no espaço da cultura: o lixão de Payatas, em Manila, ou a cidade de Manshinay Yasser, no Cairo, onde vivem ou costumavam viver milhares de pessoas entre o lixo. O uso dos restos da cidade pelos "cartoneros" de Buenos Aires (deve haver uma prática semelhante no Rio de Janeiro) que vivem da reciclagem do papelão que a cidade joga fora. Algo que indique o retorno do dejetivo à cultura e seu uso prático e financeiro. Devemos também evocar o uso do lixo e do resto feito hoje pela arte contemporânea, com obras efêmeras consagradas não só a esta temática, mas também dedicadas tais como instalações ou performances à "obsolescência programada". A "dessublimação da arte" havia sido diagnosticada por Herbert Marcuse (1993) em *El Hombre Unidimensional* evocando a *body* e a *land art* e a "merda de artista" enlatadas pelo italiano Piero Manzoni. Passagem da arte sublime à criação artística

como sintoma, disse nosso mais próximo Eric Laurent. Este tópico já encheu livros...

Gostaria de citar aqui as gambiarras brasileiras, a quem meu amigo Antonio Teixeira (2019), de Belo Horizonte, dedicou um artigo muito bacana. Como "bricolagem" apresenta-se também como um "saber fazer" com os restos, o que Antonio diferencia do *sinthoma* em seu caráter menos contingente e indicador de uma nova posição subjetiva alcançada na análise, embora próxima dela.

### **Do lado da psicanálise**

Feita esta introdução, podemos ver qual é o lugar do resto na psicanálise e qual o tratamento que ela reserva para ele. A contingência no uso do resto e o lado inventivo têm aqui o seu lugar. É curioso notar, de início, que com Lacan a psicanálise também se serve do objeto resto que uma análise permite produzir para fazer uso dele. Um texto de Jacques-Alain Miller (2009), *Salvação pelos restos*, servirá de referência aqui. Salvação entendida, claramente, no sentido que o cristianismo dá ao termo, o que envolve uma ironia, pois se na religião é a fé ou o amor que permitem a salvação, a fórmula de Jacques-Alain Miller implica "salvar-se" num sentido que nada tem a ver com qualquer ideal, mas sim com o que está subjacente ele, ou seja, o objeto (*a*).

Os objetos (*a*) tomam consistência na análise como modalidades privilegiadas da relação com o Outro, na relação com o Outro. Lacan os chama de objetos (*a*) para marcar precisamente a dimensão de resto que eles têm, de objetos caídos da relação com o Outro, sem nome. Esses objetos que tomam consistência na análise o fazem a partir do confronto do sujeito com essa modalidade principal dessa relação com o Outro que Lacan chama de "fantasia fundamental", para diferenciá-la das fantasias, ou mesmo dos devaneios. Esse fantasma fundamental é aquele que aparece em uma análise avançada e que já lhe deu forma. Lacan diz que esse "fantasma fundamental atravessado se torna a pulsão". Atravessar aqui tem o valor de um véu que se rasga ao se passar para o outro lado da cena e ver como a realidade se articula para um sujeito. É como sair da caverna, se tomarmos a famosa alegoria de Platão (2000) em *A República*, sair por um momento e ver quantas ficções o sujeito disse a si mesmo. Esse confronto com a fantasia fundamental é uma experiência do real, pois ela enquadra o real para o sujeito.

Alcançado este ponto, podemos considerar a análise suficientemente avançada para poder avançar para o seu final. Podemos confiar que o sujeito sabe o suficiente de si mesmo, de sua forma privilegiada de gozo, para poder fazer algo com ele, e é aí que intervém nosso famoso uso do resto. Podemos dizer que, se ele decidir se tornar um analista, como muitas vezes acontece, ele saberá encarnar esse objeto (*a*) para outros analisandos e poderá levá-los ao mesmo ponto que ele mesmo alcançou em sua própria análise. Ou seja, ele mesmo fazer algo com esse resto, com esse objeto (*a*) como analista e se propor como objeto (*a*) para os outros, pois é justamente esse o lugar que o analista encarna, o de fazer semblante, e fazer isso a partir desse objeto. Por esta razão, ele se faz pagar o que supõe um uso desse objeto resto tal como acontece em nossa civilização. Mas ele não o faz para gozar dessa posição. Ele o faz em relação à ética do bem dizer, bem dizer o que não funciona, o que falha,

os sintomas, e numa relação particular com o saber: a de querer ver qual é a verdade que habita todo saber, todo dito ou todo enunciado por um sujeito. Todo discurso.

Esse saber-fazer com o objeto resto de análise não implica um saber-fazer prévio, uma arte, como com o artista. Ele é, em si, uma invenção no sentido de que implica cada encontro com um novo analisando. Trata-se de poder acomodar-se ao objeto mais-de-gozar de cada um para fazê-lo valer, o que impõe ao analista uma certa dose de criatividade, de invenção, de algo absolutamente novo para ele. Podemos discutir aqui a diferença entre criatividade e invenção: a primeira sempre como uma recriação, é criada a partir de outras coisas. Ao contrário, a criação *ex-nihilo* se dá a partir do nada, é uma invenção. Uma invenção de algo absolutamente sem precedentes no universo. Com os artistas temos variações entre as duas posições. Eles nos dizem isso claramente quando falam das suas influências, das suas inspirações, daqueles artistas ou obras em que se apoiaram para criar. No caso da invenção, também é necessária uma dose importante de plasticidade, que introduz justamente o fato de poder fazer algo com esse objeto (*a*) obtido na análise.

A invenção pressupõe, então, poder fazer algo novo, muitas vezes inédito, a partir desse objeto (*a*). Nisso a posição do analista se aproxima em algum momento da do artista. Também o analista, consegue fazer com o objeto (*a*) um trabalho que produz, neste caso, uma satisfação do tipo escópico ou invocante, tal como as obras de arte. No caso do analista, não se trata de produzir um objeto belo, ou um objeto que torne visível o sintoma, o que não vai acontecer do mesmo modo como muitas vezes acontece com as obras de arte contemporâneas. Trata-se, sim, de conduzir os analisandos que nos procuram a confrontarem-se também, com o objeto mais-de-gozar da sua fantasia fundamental e poderem se libertar dele, poderem se libertar do jugo da fantasia que determina os sintomas que os afligem.

A dimensão da invenção na análise supõe também poder fazer algo novo, algo diferente com o objeto (*a*) do fantasma, uma vez identificado. À sua maneira, o analista é então também um objeto reciclado, pois foi isso o que ele fez com o objeto (*a*) que conseguiu extrair em sua própria análise. Poder propor-se como objeto (*a*) para os outros implica uma dimensão de invenção, um novo saber-fazer baseado no fantasma. Implica não continuar desfrutando do objeto como antes, mas poder fazer algo novo por ter identificado esse objeto (*a*) em seu fantasma. Não é um saber-fazer que conduz ao reconhecimento social como no caso do artista. É, eventualmente, um reconhecimento privado no quadro de uma análise, embora se deva dizer que não se deve esperar nenhum reconhecimento por isso. Deve ser desinteressado porque não supõe alimentar o reconhecimento que viria a satisfazer algo proveniente de desejo de reconhecimento oculto no analista. Por isso também a análise deve ser paga, o que levanta a questão do trabalho em instituições de saúde mental nas quais os tratamentos são gratuitos. O analisando aí talvez pague, como também na análise, o gozo ao qual deve renunciar para libertar-se de seus sintomas.

No que diz respeito à contingência, terceiro termo do trio que hoje nos une, é preciso assinalar que a própria invenção que propomos participa, ela mesma, da contingência na medida em que não é

programada. Quando falamos de um programa em análise, falamos do necessário, daquela categoria de ser que Aristóteles propõe e que Lacan retoma nas quatro modalidades lógicas do impossível (o que não cessa de não se escrever), do contingente (o que cessa de não se escrever), do necessário (o que não cessa de se escrever) e do possível (o que cessa de se escrever).

A relação sexual é impossível porque não cessa de não se escrever. O gozo também é impossível, já que é impossível para o ser falante. O amor intervém como contingência, como aquilo que faz com que a não relação sexual pare de não se escrever durante o tempo em que ele dura. O que se volta para o lado do necessário, inevitavelmente, não cessa de se escrever sobre o fundo da impossibilidade de inscrição. O contingente supõe então uma possibilidade sobre o fundo da impossibilidade. O que está programado pela impossibilidade é que a relação sexual não cessa de não se escrever. Do mesmo modo, o gozo. Mas sobre o pano de fundo dessa impossibilidade, produzem-se efeitos na análise que permitem captar, peneirar, um possível, a escrita do gozo, por exemplo, através da fantasia fundamental e do que Lacan nomeou como letra, que permite construir uma borda para o gozo.

Parte disso se inscreve na análise no contingente, o contingente do encontro com um analista. Entretanto, uma vez que esse encontro se realiza por meio desse artifício necessário que é a transferência responsável pelos efeitos de estrutura que nos faz gozar no nível do fantasma, isso também participa da contingência como escrita do impossível.

Realizados esses efeitos de escrita, abre-se para o analisando a possibilidade dele poder fazer um novo uso, diferente desses efeitos de escrita, que são a possibilidade de saber-fazer com o objeto mais de gozar de seu fantasma. O que não foi inicialmente programado e que claramente faz parte do contingente. O verdadeiramente novo para um ser falante; uma pequena invenção.

O uso subversivo [que a psicanálise faz] do objeto resto não se refere a comercializá-lo, a vendê-lo para o gozo de outros, uso que indicamos no início da conferência. Trata-se do analista se vender como semblante de objeto em análise para levar os analisantes a confrontarem-se com o seu objeto (*a*) e poderem inventar, por sua vez, um [novo] modo de fazer com ele. Implica uma transmissão do saber-fazer e da inventividade a alcançar com o resto que não pode ser para cada ser falante mais do que contingente, uma vez que o circuito de gozo não se encontrava programado com esse novo modo até então. O analisante deve renunciar ao circuito anterior para levar a cabo esta transmissão que não é de saber fazer, porque aqui não há conhecimento a ser transmitido, mas sim uma transmissão da própria operação com o objeto restante.

#### **Notas do tradutor:**

1. Texto apresentado na IX Jornada Clínica e no III Congresso Internacional do SEPAI: Contingências, restos e invenções, em agosto/2022.
2. O bonobo é também chamado chimpanzé-pigmeu ou chimpanzé-anão ou grácil, sendo uma espécie do gênero *Pan*, que também inclui a espécie do chimpanzé-comum.

3. Georges-Eugène Haussmann, ou Barão Haussmann, conhecido como o "artista demolidor", foi prefeito do departamento do Sena entre os anos de 1853 e 1870, tendo sido responsável pela reforma urbana de Paris, motivo pelo qual ficou conhecido na história do urbanismo e das cidades.
4. O paradigmático artigo de Koolhaas, *Cidades genéricas*, está publicado em: Koolhaas, R, & Mau, B. (1995). *S, M, L, XL*. Nova York: Monacelli Press.
5. *O Livro das Passagens*, é uma obra inacabada de Walter Benjamin, escrita entre 1927 e 1940, e publicada em 1980, que disserta sobre aspectos da vida urbana em Paris no século XIX, a partir das novas galerias e passagens comerciais.

**Tradução:** Rosa Guedes Lopes.

### Referências Bibliográficas

- Koolhaas, R. (2011). *Junkspace: Repenser radicalement l'espace urbain*. Paris: Payot.
- Lacan, J. (2001). *Lituraterre*. In *Autres Écrits* (pp. 11-25). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lévy-Strauss, C. (1996). *Tristes trópicos*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras.
- Marcuse, H. (1993). *El Hombre Unidimensional – Ensayo sobre la ideología de la sociedad industrial avanzada*. Editorial Planeta Argentina, S. A. I. C. España: Printer Industria Gráfica, S. A.
- Marx, C. (2016). *Le capital*. Paris: Editions sociales.
- Miller, J. (2009). La salvación por los desechos. *El Psicoanálisis, Revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis*, 16.
- Platão. (2000). *A República*. (3ª ed., C. A. Nunes, Trad.). Belém: EDUFPA.
- Teixeira, A. (2020). A aura da gambiarra. *Mosaico: Estudos Em Psicologia*, 7(1), 45–60. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/24821>

**Citação/Citation:** Fajnwaks, F. (mai. 2022 a out. 2022). Contingências, restos e invenções. (R. G. Lopes, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(34), 73-81. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2022v17n34p73-81

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 09/05/2022 / 05/09/2022.

**Aceito/ Accepted:** 23/06/2022 / 06/23/2022.

**Copyright:** © 2022. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.